



Globalização e a história da TV: a tecnologia e a democracia do telespectador¹

ANELO, Cláudia Regina Ferreira² - UFMS/MS

RESUMO: Desde seu surgimento até o período atual, inserida no contexto de globalização e era digital, a televisão se tornou mais democrática? Essa é a principal questão que o artigo pretende discutir. Por meio de uma revisão bibliográfica, o estudo levanta um breve resgate histórico a partir da criação da televisão, passando pelo período da ditadura militar em que houve restrições na liberdade de expressão, até o presente cenário. Ao longo dos anos, a televisão se modernizou. Com o fim da ditadura e início da globalização, o telespectador saiu da condição de passividade e pôde interagir cada vez mais com os programas de TV. Na era de convergência de mídias, a televisão se uniu à internet e com isso, passou a permitir que o telespectador produza e envie conteúdo a partir do próprio celular. Fotos e vídeos chegam de maneira rápida e fácil nas redações com apenas um clique, por intermédio de aplicativos e redes sociais. Mas apesar de todas essas mudanças, as grandes empresas ainda fazem parte de um conglomerado de políticos e empresários ligados ao Congresso que determinam os assuntos que vão ou não entrar na pauta da televisão. Portanto, deve-se discutir em qual aspecto o sistema está mais democrático. Do ponto de vista do telespectador produzir e enviar conteúdo, pode ser que sim. Mas quanto à divulgação (ou não) de uma informação de interesse público como notícia, é um aspecto discutível.

Palavras-chave: Mídia audiovisual. História. Telejornalismo. Globalização. Democracia.

Introdução

Desde quando surgiu, no século XIX, a televisão nunca mais parou de sofrer mudanças. Os primeiros experimentos químicos e tecnológicos não se davam conta do aparelho que estava por ser criado capaz de revolucionar os meios de comunicação de massa e a vida das pessoas.

A característica da televisão de combinar imagem, áudio e texto a transformou em um poderoso veículo de comunicação de massa. As imagens ganham mais impacto quando aliadas ao texto e assim, podem causar diversas reações nos telespectadores.

Com o surgimento da televisão, a notícia tão presente no cotidiano das pessoas rapidamente tomou conta desse meio. Stephens (1993, p. 45) propõe compreender a notícia

¹ Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Audiovisual e Visual, integrante do 3º Encontro Centro-Oeste da Associação Brasileira de História da Mídia - Alcar, 2016.

² ANELO, Cláudia Regina Ferreira. Jornalista e mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Pesquisadora na área de televisão, telejornalismo e tecnologias digitais na TV. Atuação em telejornalismo na TV Morena, afiliada da Rede Globo em Campo Grande, MS, no período de 2004 a 2013. E-mail: claudia.anelo@hotmail.com



como um sentido social, “o olho que está fixado sobre eventos além do alcance de nossa vista, nosso ouvido que registra conversas fora do alcance de nossa audição”. Nesse aspecto, a televisão leva vantagem em relação a outros meios convencionais porque, além de agregar texto e mensagem audiovisual, sua velocidade e poder a tornam uma maneira eficaz de levar as notícias para diversos lugares, não importa o quão distante estejam.

Brasil (2012) cita que a palavra televisão vem da junção do prefixo grego que significa *distante* e a forma do verbo latino *ver*. Assim, “ver distante” remete justamente à ideia de que a televisão possibilita ir longe e ainda expandir essa visão. “Tudo que surge na tela torna-se, de alguma forma, informação, seja nos eventos esportivos, sociais e até culturais” (BRASIL, 2012, p. 77). Por sustentar valores sociais nas entrelinhas do audiovisual, algumas notícias se tornam mais impactantes nesse meio do que em outros.

O poder que a televisão tem de levar informação a milhares de pessoas e ainda de influenciar a opinião pública só fez esse veículo crescer. Não apenas no alcance do público, mas também no que diz respeito ao desenvolvimento tecnológico, principalmente após o período de globalização e digitalização da TV.

Por isso, a proposta deste artigo é, por meio de uma revisão bibliográfica, realizar um levantamento histórico da televisão desde sua criação, passando pelas interferências durante o período de ditadura no Brasil até a globalização, com o impacto da internet e as mudanças tecnológicas sobre a TV enquanto aparelho e mídia audiovisual.

Diante disso, surge a questão que se pretende discutir neste trabalho: a televisão se tornou mais democrática, ao migrar do sistema analógico para o digital? Até onde a internet e as possibilidades de interação advindas da globalização influenciaram a liberdade do telespectador? No período da ditadura, a televisão ficou refém da ideologia militar. Mas ainda hoje, continua sendo posse de políticos e governantes que atuam no poder e controlam a atuação do telespectador na programação.

Evolução da televisão e do telejornalismo

Um dos primórdios da invenção do aparelho de televisão foi a descoberta em 1817, pelo químico sueco Jakob Berzelius, de que a luz modificava a capacidade do selênio. O



elemento químico sofria alterações ao passar por uma corrente elétrica e isso abriu novos campos para o uso da energia elétrica (PATERNOSTRO, 1999).

No entanto, para Mattos (2009), a cronologia da televisão começa em 1873 com a descoberta, pelo norte-americano Willoughby Smith, das propriedades fotocondutoras do selênio e da variação da sua condutividade elétrica conforme com a quantidade de luz. Passos iniciais que mais tarde viabilizariam a criação da TV.

Várias descobertas no campo da química e elétrica ocorreram ao longo dos anos. Até que em 1923, um marco importante descrito por Mattos (2009) e Paternostro (1999), foi a invenção do iconoscópio. Criado pelo russo Vladimir Zworykin, o aparelho era um tubo à vácuo com uma tela de células fotoelétricas que permitia a análise eletrônica da imagem. Até hoje a televisão é baseada nesse princípio.

Os aparelhos de televisão começaram a ser produzidos a partir da década de 1930, em diferentes países e com diversos padrões de definição. Surgiu a necessidade de alguma padronização e atualmente há dois padrões básicos: o norte-americano (525 linhas e 30 quadros por segundo) e o europeu (625 linhas e 25 quadros por segundo).

Já quanto às cores, existem três sistemas: o norte-americano *National Television System Committee* (NTSC); o francês *Sequentiellemente et à mémoire* (SECAM) e o alemão *Phase Alternation Line* (PAL). Quando a televisão era em preto e branco, o Brasil importou o modelo americano. Depois que passou a utilizar o sistema em cores, uniu o de 525 linhas dos Estados Unidos ao sistema em cores alemão e gerou um sistema próprio: o PAL-M (MATTOS, 2009).

Segundo Paternostro (1999), em 1931, a empresa *Radio Corporation of America* (RCA) já tinha a sua própria antena e também os estúdios da *National Broadcasting Corporation* (NBC). Em 1936, a *British Broadcasting Corporation* (BBC) pôs as câmeras na rua e fez uma transmissão do Rei Jorge VI. Mas a televisão ainda não estava consolidada devido a um detalhe: o iconoscópio, que exigia uma quantidade muito grande de luz e sua imagem reproduzida era precária. Vladimir Zworykin desenvolveu então uma válvula que, adaptada à câmera, controlava a luz e melhorava a imagem. Com isso, em 1940, a televisão se afirmou como um sistema totalmente eletrônico.

Por causa da Segunda Guerra Mundial, entre os anos de 1939 e 1945, a maioria dos países europeus interrompeu as transmissões de televisão. “As fábricas de televisores foram



utilizadas na produção de material bélico. Na Inglaterra, a guerra praticamente silenciou a BBC, além de ter restringido as transmissões da NBC nos Estados Unidos e as transmissões da televisão de Moscou” (MATTOS, 2009, p. 166).

Essa situação só foi restabelecida a partir de outubro de 1944 na França, em Londres e em Moscou. Com o desenvolvimento retomado após a guerra, houve crescimento na venda de aparelhos e a televisão começou a receber anúncios publicitários. A descoberta do videoteipe, em 1956, trouxe mais profissionalização à atividade. Melhorou a linguagem visual, segundo Mattos (2009), e abriu o mercado do videocassete.

Nas décadas de 1960 e 1970, houve uma evolução das transmissões, inclusive de grandes eventos como a Copa Mundial de Futebol da Inglaterra, a primeira transmitida ao vivo para todo o mundo; a chegada do homem à lua e a inauguração do primeiro canal de televisão a cabo nos Estados Unidos, o *Home Box Office* (HBO).

Segundo Amaral (2004), a televisão no século XX era baseada em um único modelo de negócio, com conteúdo centrado na informação, entretenimento e cultura. Em relação aos sistemas de teledifusão, havia dois tipos: o gratuito e o pago. No gratuito, que é o estatal, o Estado tem a posse e opera os serviços. Foi usado principalmente na Europa.

Na maioria dos outros países do mundo, a televisão seguiu um modelo parecido com o dos Estados Unidos: os canais pertencem ao Estado, que faz uma concessão para empresas privadas. São elas que operam o sistema e se sustentam com verba publicitária. No início, havia um grande patrocinador por programa. Depois, os Estados Unidos perceberam que era mais lucrativo ter vários anunciantes por hora. Assim, surgiram os comerciais de 30, 60 segundos (AMARAL, 2004, p. 39-40).

Também houve a necessidade de atingir um número maior de pessoas, o que representava maior chance do anúncio chegar até o público e o produto ou serviço anunciado ser consumido. Foi então que a televisão se caracterizou como um veículo de massa, com história nacional e internacional parecida (SANTOS; LUZ, 2013. p. 35).

Tanto que não demorou para que repórteres e mesmo os dirigentes das emissoras percebessem o poder da televisão enquanto veículo de comunicação de massa, devido à reação das pessoas diante das imagens constituídas de uma carga emotiva. Tanto que imagens que mostravam morte, violência e sangue passaram a ser evitadas, assim como as notícias que reportassem algum fracasso das forças norte-americanas em conflitos armados. “A opinião



pública estava aliciada pela mídia e esperava ardentemente por boas notícias. Para atender à expectativa da sociedade que se acreditava imbatível, a televisão enfatizava a superioridade e invencibilidade dos seus militares” (SQUIRRA, 1995, p. 41).

Wolf (2012) descreveu a hipótese da *agenda-setting* como uma das explicações para o efeito dos veículos de comunicação de massa na sociedade. A partir dela, as pessoas tenderiam a incluir ou excluir do conhecimento próprio aquilo que a mídia expõe ou omite. É a mídia que coloca ao público um menu de opções de assuntos a serem debatidos. Assim, os meios de comunicação de massa modificam a compreensão das pessoas em relação à realidade social. Na televisão, as imagens somam mais impacto e poder.

Televisão no Brasil

Apesar da televisão ter sido inaugurada no Brasil em 1950, há registros de que já era conhecida no país desde 1939. Mattos (2009) relata que um público seletos assistiu alguns artistas mostrados em um aparelho numa Feira de Amostras no Rio de Janeiro. Esse aparelho foi descrito por uma revista como parecido a uma eletrola³.

Uma fábrica de aparelhos de som (*Telefunken*) instalou na Feira um estúdio capaz de gerar imagem e som para dez aparelhos televisores. As demonstrações da televisão duraram quinze dias na Feira de Amostras do Rio de Janeiro. Pouco depois, o avanço tecnológico foi interrompido pela Segunda Guerra Mundial e retornou na década de 1950.

Segundo Mattos (2009, p.170-171), os equipamentos chegaram em 1949, “[...] com Chateaubriand iniciando sua instalação sob muito mistério, quase às escondidas, pois ele queria inaugurar a televisão no Brasil antes do México e de Cuba, países que também instalaram a televisão no ano de 1950 (MATTOS, 2009, p. 170-1).

Para melhor compreensão da história, Mattos (2009) dividiu o desenvolvimento da televisão no Brasil em seis fases. A primeira, chamada elitista (entre 1950 a 1964), recebeu esse nome pelo valor do aparelho de televisão. Considerado um artigo de luxo, custava à época nove mil cruzeiros, três vezes mais que a vitrola mais sofisticada daquele período. Por

³ Aparelho reproduzidor dos sons registrados num disco por processos eletromecânicos. Compõe-se de um toca-discos e de um amplificador munido de alto falante. O aparelho mostrado na Feira tinha um quadro de vidro fosco no lugar do disco (DICIO, 2015).



isso, a televisão brasileira começou com duzentos televisores e todos pertenciam a famílias da elite econômica. Esses fatores limitaram a massificação da televisão na década de 1950, mas não o seu crescimento enquanto veículo.

Em janeiro de 1950 foi inaugurada a sede da *TV Tupi* no Rio de Janeiro. No entanto, devido a dificuldades técnicas, as primeiras transmissões aconteceram só no ano seguinte. Em setembro, foi a inauguração da *TV Tupi Difusora de São Paulo*. O primeiro telejornal brasileiro foi exibido no dia seguinte à inauguração: era o *Imagens do Dia*, “[...] o programa que fechava a programação da *TV Tupi*”, segundo Souza (2000, p. 24).

Ainda na década de 1950, entrava no ar a primeira edição do *Repórter Esso*, noticiário que marcou a história da televisão brasileira. O telejornal era patrocinado pela empresa estadunidense *Standard Oil Company of Brazil*, conhecida como Esso do Brasil.

Os Estados Unidos influenciaram fortemente o início da televisão no Brasil, tanto no aspecto tecnológico quanto no conteúdo, como as características que integram o modelo *hard news*, descritos nos manuais de redação norte-americanos. Com o uso do *lead* e da pirâmide invertida para simplificar a comunicação, a notícia *hard news* é baseada em uma sucessão de manchetes com frases curtas, diretas e com dinamismo.

Mas apesar do Brasil copiar dos Estados Unidos o estilo e a forma do telejornalismo, demorou para aprimorar o profissionalismo e a técnica. Os noticiários eram criticados por não se atentarem ao recurso da imagem, sendo inclusive chamados de radiojornalismo televisado ou audiovisual de notícia, pois não havia profissionais especializados em televisão (SOUZA, 2000, p. 23).

Em 1964, ano do golpe militar no Brasil, teve início a segunda fase do desenvolvimento da televisão nacional: a fase populista, que se estendeu até 1975. Nela, segundo Mattos (2009, p.83), a televisão se tornou um “símbolo de modernidade”. Foi um período também de avanços tecnológicos: a *TV Tupi* usou o videoteipe pela primeira vez e nos Estados Unidos, o lançamento do satélite *Telstar* iniciou as transmissões via satélite.

Segundo Mattos (2009, p. 90), “o Estado exerceu papel decisivo no desenvolvimento e regulamentação dos meios de massa e em particular dos meios de transmissão, estabelecendo leis e agências reguladoras e adotando novas tecnologias no sistema nacional de telecomunicações”. Foram instaladas estações de satélites e implantadas as linhas de micro-ondas. Isso possibilitou a transmissão das notícias para todo o território brasileiro e favoreceu



a expansão do telejornalismo para fora do eixo Rio-São Paulo, onde foram feitos os primeiros telejornais do país.

A inauguração da *TV Globo* e a criação da *Empresa Brasileira de Telecomunicações* (EMBRATEL), em 1965, foram os primeiros passos para a regionalização da televisão, concretizada quatro anos mais tarde. No dia 28 de fevereiro de 1969, a *Rede Globo* realizou a primeira transmissão para todo o território brasileiro no *Jornal Nacional*, na sede do Rio de Janeiro. O tema era uma entrevista gravada no dia anterior em Roma, com o Papa Paulo VI (MEMÓRIA GLOBO, 2004)⁴.

Além da emissora do Rio de Janeiro, a Globo tinha uma estação de televisão em São Paulo e outra em Belo Horizonte, Minas Gerais. A partir daí, começou a ampliar o número de emissoras em outros Estados pelo sistema de afiliação. O propósito era amenizar as distorções e criar um só padrão de qualidade de telejornalismo no país.

Para isso, a *Rede Globo* teve o apoio dos militares durante a ditadura. Foram feitos vários investimentos tecnológicos, dentre eles o sistema de satélite e micro-ondas da *Embratel* para a transmissão dos telejornais e programas de outros gêneros. Piccinin (2004) afirma que havia também o interesse ideológico dos militares em integrar os brasileiros de Norte a Sul do país por meio de um veículo de comunicação poderoso, capaz de sustentar o regime militar. Em 1966, o Serviço de Censura enumerou assuntos e situações proibidos de ser veiculados e baixou uma série de normas restritivas.

A *Rede Globo* foi uma das emissoras que mais cresceu, principalmente com a expansão das afiliadas e incremento na programação. Na década de 1970, a *Rede Globo* investiu em rotas próprias de transmissão de sinal além da *Embratel*. Essas rotas não só interligavam suas emissoras, como também conduziam os sinais das grandes cidades para as de menor porte, onde haviam estações retransmissoras:

Ao dispor dessas rotas e dessa malha de repetidoras e retransmissoras, que lhe permitiam alcançar o interior do país, a Globo se colocava numa posição muito superior às suas concorrentes. Ainda assim, parte da sua programação nacional era exibida em fitas de videotape remetidas pelas “cabeças de rede” às demais emissoras. A coordenação desse esquema era extremamente penosa. Em alguns

⁴ Memória Globo é um projeto da Central Globo de Comunicações que reuniu mil horas de entrevistas, centenas de *scripts* de telejornais antigos, além do acervo de imagem do Centro de Documentação da *TV Globo* num livro que conta os 35 anos de história do *Jornal Nacional*, um dos telejornais mais antigos que se mantém no ar no país. O *Memória Globo* foi criado em 1999 para preservar não só a história do *Jornal Nacional*, mas de todos os veículos integrantes das *Organizações Globo*.



locais mais afastados, o tráfego de fitas era feito por estradas malconservadas e até mesmo rios (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 50).

A regionalização dos sinais trouxe a preocupação com a qualidade técnica da imagem. Não adiantaria expandir o sinal de transmissão se as afiliadas fossem mal equipadas e com funcionários sem a qualificação necessária. Bazi e Fabbri (2009) relatam que a afiliada da Bahia instalou torres novas com um custo aproximado de US\$ 300 mil. A afiliada de Pernambuco investiu R\$ 1,5 milhão em equipamentos e modernização do estúdio. A TV *Cabugi*, afiliada do Rio Grande do Norte, injetou R\$ 3 milhões na construção da nova sede e no início da operação no sistema *Betacam*⁵. Dessa forma, a *Rede Globo* conseguiu se posicionar e consolidar em diferentes regiões do país.

As outras emissoras não conseguiam alcançar o padrão, qualidade e volume de verbas empregado pela rede. Foi também dessa forma que o padrão americano se consolidou com suas características no telejornalismo brasileiro, dentre elas a superficialidade das notícias, que impede um tratamento mais crítico do assunto.

Segundo Mello e Novais (2009, p. 627), o cenário político e econômico entre as décadas de 1960 a 1980 foi marcado por forte industrialização e urbanização. Milhares de pessoas saíram do campo para as cidades e o governo tentava conter o êxodo rural em massa. Surgia uma classe média com mais acesso ao estudo e saúde de forma precária, ao mesmo tempo em que aumentava a população urbana em situação de miséria em razão do grave problema do êxodo rural. O Estado passou a controlar também o poder econômico privado e os meios de comunicação de massa.

As redes de televisão também cresceram, se aperfeiçoaram e começaram a produzir seus próprios programas com mais profissionalismo, visando até mesmo a exportação. Com o fim da censura oficial em 3 de fevereiro de 1980, Paternostro (1999) ressalta que começaram a surgir programas mais criativos, como o semanal *Abertura*, da TV *Tupi* e os programas *Malu Mulher*⁶, *Carga Pesada* e *Plantão de Polícia*, da *Rede Globo*. Séries que originaram o

⁵ Trata-se de um formato de videoteipe que inclui da câmera até o VT de edição (PATERNOSTRO, 1999).

⁶ Nesse período em que os seriados nacionais atingiam sucesso de público, o programa *Malu Mulher* tratou de questões referentes à própria mulher e a feminização, numa época marcada por um clima social de certa liberalização política. A personagem *Malu* era uma socióloga divorciada, mãe de uma menina de 12 anos. *Malu* era questionadora e estava em busca do seu espaço no mundo. O seriado também abordava assuntos considerados novos, como a homossexualidade e o aborto. Por isso, expressava aquilo que a sociedade era até então censurada pelo regime militar (MICELI, 1984).



formato das minisséries. No final da década de 1970, existiam quase 15 milhões de televisores no país.

A terceira fase, do desenvolvimento tecnológico da televisão, durou de 1975 a 1985. Em julho de 1980, a *TV Tupi* encerrou as atividades em razão de problemas financeiros, retirada do ar pelo governo depois de uma ação de funcionários grevistas. Ainda na década de 1980, houve a expansão do videocassete e da produção independente de vídeo. De 1985 a 1990, a televisão passou pela fase chamada por Mattos (2009) de transição e expansão internacional. No regime da Nova República, aumentaram as exportações de programas brasileiros e as vendas da *Globo* para fora do país chegaram a US\$ 20 milhões. Nesse período, a audiência televisiva atingiu 90 milhões de telespectadores, o correspondente a 63% da população brasileira à época.

Telejornalismo na era globalizada

O início da globalização e da televisão paga, entre os anos de 1990 a 2000, marcou a quinta fase da televisão brasileira “quando o país busca a modernidade a qualquer custo e a televisão se adapta aos novos rumos da redemocratização [...]” (MATTOS, 2009, p. 79). Nesse período teve início o processo para integrar a televisão e a internet, o que abriu novas possibilidades e perspectivas de interação entre as mídias e também entre os programas de televisão e suas audiências.

A *internet* se estabeleceu no Brasil em meio a todas essas mudanças ocorridas nos anos 90, com os passos iniciais do que mais tarde seria uma revolução também para o mercado televisivo. Em 1995, a *internet* entrou no Brasil definitivamente e, neste mesmo ano, acabou o monopólio da *Embratel* como provedor de acesso à *internet*, possibilitando o surgimento de provedores privados. (SANTOS; LUZ, 2013, p. 38).

A sexta e atual fase de desenvolvimento histórico da televisão é a da convergência e da qualidade digital, a partir do ano de 2000, impulsionada pelos indícios tecnológicos que sinalizam para a interação dos veículos de comunicação em geral, principalmente da televisão com a *internet*, e com as outras tecnologias da informação.

A disseminação da *internet* e o avanço da digitalização propiciaram o desenvolvimento do Sistema Brasileiro de Televisão Digital (SBTV-D), com a característica



ainda pouco conhecida da interatividade. Segundo Santos (2011), o sistema foi criado no ano de 2003, com a proposta de incorporar ao hábito de assistir televisão elementos novos como a possibilidade de participar, fazer escolhas e manifestar a opinião não apenas pela escolha de canais e programas de televisão, mas de maneira mais prática e direta. O Governo Federal pensou no SBTVD como instrumento de inclusão digital, “[...] pelo potencial da digitalização dos conteúdos audiovisuais e da promessa de entregar agora, junto com eles, *softwares*, aplicações com as mais diversas finalidades e ainda, com o que se convencionou chamar de canal de retorno”, segundo Santos (2011, p.109). Dessa forma, a intenção era abrir um canal bidirecional para comunicação em substituição modelo *broadcast*, que até então era de um para muitos.

O SBTVD permite que uma aplicação com fim pré-determinado seja transmitida num conversor (*Set-top box*⁷) por um *software* chamado *Ginga*, que compatibiliza o sistema operacional que roda no conversor. É um *middleware*⁸ brasileiro baseado no modelo japonês de televisão digital. O sinal de televisão está em transição do analógico para o digital, num processo com término previsto para 2018. Muitos televisores atuais vendidos no Brasil têm acesso à *internet* e suas telas permitem a navegação de páginas da *web* (SANTOS, 2011).

De acordo com Capparelli e Lima (2004), o telejornalismo ingressou num ambiente em que a indústria cultural está consolidada, mas que também é permeado pelos desafios, inovações e revoluções da globalização. Isso inclui as novas demandas da comunicação e a redução, redesenho ou eliminação das fronteiras e conceitos da informação, da televisão e da interação.

[...] e finalmente discute um projeto de televisão digital que pode favorecer a inclusão digital de grandes setores da população, mas que, ao mesmo tempo, reproduzirá o modelo concentrador, dificultando a entrada de novos atores e concedendo canais por antecipação aos detentores de concessões da televisão analógica (CAPPARELLI; LIMA, 2004, p. 133).

⁷ *Set-top box* é o nome dado a um conversor para sinal digital, um equipamento conectado ao aparelho de televisão e a uma fonte externa de sinal que transforma este sinal em conteúdo num formato que pode ser visualizado na tela da tevê (WIKIPÉDIA, 2014).

⁸ Na tradução, *middleware* significa mediador. *Ginga* foi o nome dado para o *software* no Brasil. Nesse caso, é um programa de computador que media um *software* e as outras aplicações. É utilizado para transportar informações e dados entre programas de diferentes plataformas e dependências do sistema operacional. O objetivo é fornecer um modelo de programação mais produtivo para os programadores de aplicativos (WIKIPÉDIA, 2015).



A entrada de capital estrangeiro na televisão brasileira foi aprovada por lei em 2002. No entanto, no final da década de 1990, uma aliança de grupos nacionais e internacionais deu os primeiros passos da televisão segmentada no Brasil. Segundo Capparelli e Lima (2004), as chamadas televisões por assinatura representaram a exploração de possibilidades novas com a convergência das tecnologias.

Nos Estados Unidos, os novos grupos investiram na geração *narrowcasting* (televisão fragmentada), enquanto a televisão de massa tradicional (ou *broadcasting*) continuou nas mãos dos mesmos empresários. Já no Brasil foi diferente. Capparelli e Lima (2004) afirmam que os grandes investidores da televisão tradicional também investiram na modalidade por assinatura e tudo indica que terão o controle da TV digital.

Ao contrário de outros países, no Brasil é permitido que uma pessoa física seja proprietária de jornal impresso, emissoras de rádio e de televisão simultaneamente. Também é possível a concentração horizontal de mídias, a exemplo da *Rede Globo* que detém a propriedade do principal serviço de televisão por assinatura, além da aberta. A esse cenário é possível somar a possibilidade de aquisição de conteúdo por produtores independentes e ainda produções conjuntas entre a América Latina e outros países.

A TV globalizada e a liberdade de expressão

Diante do levantamento histórico, seria possível afirmar que a televisão hoje, globalizada, digital, é um sistema mais democrático do que foi na fase analógica? Capparelli e Lima (2004) defendem que se no passado ou na era da ditadura a televisão estava ligada a ideologias militares e norte-americanas, hoje ela passa por um processo de globalização mas continua posse de muitos políticos que estão no Congresso e de conglomerados que dominam a mídia.

No Brasil, a massificação da televisão é considerada até certo ponto um risco, pois se trata do principal veículo de comunicação. Num país onde a média de leitura por habitante corresponde a quatro livros por ano (e apenas dois são lidos até o fim), a televisão tem uma dimensão ainda maior na vida das pessoas (ALENCASTRO, 2012). Elas se tornam reféns



desse veículo de comunicação de massa, que desde o início de sua história, esteve ligado a ideologias políticas e econômicas de grupos restritos.

Atualmente, a interação da televisão com a internet vai muito além da liberdade de mudar de canal. O público saiu da condição de passividade ao poder participar inclusive no processo de construção de conteúdo, na elaboração de pautas para a TV, ao enviar arquivos audiovisuais (fotos e vídeos), e não só texto. E ainda de forma fácil e rápida por aplicativos e redes sociais.

Isso se tornou um grande atrativo para que as pessoas se conectassem mais à televisão, não só no aparelho de TV, mas em celulares e computadores pela própria conexão da internet em sites e ainda com a condição de assistir uma reportagem depois que ela já foi ao ar. As facilidades da era globalizada da televisão se tornaram um chamariz para as pessoas participarem mais, opinarem mais e se manifestarem enquanto massa.

Mas isso não significa que, devido a essa certa liberdade, a televisão se tornou mais democrática. De fato, a televisão permite mais interação, oferece condições que a facilitem ao telespectador, porém as ações são limitadas aos interesses políticos e/ou econômicos das emissoras e seus proprietários.

O público pode enviar o conteúdo que quiser, mas a emissora filtra aquilo que a ela interessa exibir na televisão. Obviamente deve se separar nesse caso o filtro do jornalista que seleciona conteúdo de gênero jornalístico e que deve ser apurado como toda notícia, com o dever de ouvir os dois lados da história e não apenas a versão de um telespectador. Trata-se aqui de um outro tipo de filtro. São os assuntos e até mesmo as fontes de informação selecionados pela empresa à medida que chegam na redação e são divulgados ou não de acordo com o interesse em jogo da emissora.

Considerações finais



O levantamento bibliográfico identificou as fases em que ocorreram as principais mudanças na televisão desde sua criação, dos primeiros experimentos químicos e tecnológicos até atualmente. Provavelmente naquela época, não se imaginava a dimensão que o aparelho capaz de transmitir imagem e som estaria por tomar na vida das pessoas.

Em dois momentos, a televisão sofreu restrições no Brasil. O primeiro que freou seu desenvolvimento não só no país, mas no mundo todo, foi a Segunda Guerra Mundial. O outro foi o período da ditadura militar no Brasil, com censura à liberdade de expressão. Por outro lado, foi justamente nesse período que houve grande avanço tecnológico e impulso dado à consolidação das afiliadas e à transmissão de notícias em rede nacional. A estratégia foi marcada pelo interesse dos militares de garantir coesão das informações em todo o país.

Naquela época de censura, não seria possível imaginar a participação do público tal qual existe atualmente nos telejornais. Pessoas capazes de opinar livremente e até mesmo produzir conteúdo e enviá-lo para ser transmitido no telejornal.

Com o fim do regime militar e a globalização, marcada pelos recursos tecnológicos e a internet no palco desse cenário, as possibilidades de interação na TV se expandiram e diversificaram rapidamente.

Na era digital, em que se discute a convergência das mídias, a união da televisão com a internet mudou a forma de assistir TV e de se relacionar com ela. Mas apesar das ferramentas de interação, como redes sociais e aplicativos que têm sido aliados da TV e permitirem mais participação do telespectador, a atuação do público é controlada e restrita aos interesses da emissora.

O público tem a possibilidade e o direito de enviar a informação ou conteúdo que quiser, mas será que isso vai ao ar? Deve-se diferenciar qual âmbito da democracia se discute. Ao analisar a liberdade de expressão, a globalização conseguiu se diferenciar do panorama de censura da ditadura, de restrições de programas televisivos. Mas como desde o início da história da TV brasileira, as grandes emissoras, detentoras das maiores audiências, sempre estiveram ligadas ao poder político, são elas que selecionam o que vai ao ar. A isso pode-se chamar democracia ou liberdade de expressão? O poder de grupos e conglomerados restritos decidirem o que é notícia?

A liberdade nesse caso se restringe à possibilidade de emitir conteúdo de qualquer natureza às empresas de comunicação, direito resguardado pela Constituição Federal. No



entanto, o telespectador ainda está longe de alcançar a plena liberdade de expor sua opinião de forma livre no telejornal, claro, observando os critérios jornalísticos para não ferir a liberdade do próximo.

Um passo conquistado com a globalização foi a possibilidade do público se manifestar pelas redes sociais. A internet nesse sentido tem elevado seu poder entre as massas.

Mas a internet dificilmente vai ter o alcance que a televisão possui num país em que tantas pessoas ainda dão preferência à TV, nem todos têm acesso à banda larga, muitos possuem baixa escolaridade e lêem poucos livros e materiais impressos, o que dificulta a formação de uma opinião crítica. Além disso, a internet não possui a carga emotiva da imagem aliada ao som, característica principal da televisão desde que surgiu.

Referências bibliográficas

ALENCASTRO, Catarina. Brasileiro lê, em média, quatro livros por ano, revela pesquisa. **O Globo**, Brasília, 29 mar. 2012, 13h05min. Educação. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/brasileiro-le-em-media-quatro-livros-por-ano-revela-pesquisa-4436899>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

AMARAL, Neusa Maria. **Televisão e telejornalismo: do analógico ao virtual**. 1v. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação na área de Jornalismo, Mercado e Tecnologia da Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues; FABBRI, Duílio Jr. **A regionalização e a força das emissoras regionais: a presença da Rede EPTV**. 2009. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/1_Celacom%202009/arquivos/Trabalhos/Rogério_Regionalizacao.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2015.

BRASIL. Antônio. **A ditadura da audiência**. 2012. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da040420014p.htm>> Acesso em 12 ago 2015.

CAPPARELLI Sérgio; LIMA, Venício Artur de. **Comunicação e televisão: desafios da pós-globalização**. Coleção Comunicação & Comunicação. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

DICIO. **Eletrola**. 2015. Disponível em: <www.dicio.com.br/eletrola/> Acesso em: 31 mar 2015.

MATTOS, Sérgio Augusto Soares. **História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política**. Petropolis: Editora Vozes, 4. ed., 2009.



MELLO, João Manuel Cardoso; NOVAIS, Fernando. **Capitalismo tardio e sociabilidade moderna**. Unesp/Facamp: Campinas, 2009.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional**: a notícia faz história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

MICELI, Sergio. **Entre no ar em Belíndia**: a indústria cultural hoje. Comissão de Pós-Graduação, IFCH-UNICAMP, 1984.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PICCININ, Fabiana. **Notícias na TV Global**: diferenças (ou não) entre o telejornalismo americano e europeu. 2004. Disponível em: < <http://bocc.ubi.pt/pag/piccinin-fabiana-telejornalismo-americano-europeu.pdf>.> Acesso em: 20 abr. 2015.

SANTOS, Márcio Carneiro dos. **A Televisão Digital Interativa no Brasil**: possibilidades de consolidação e contradições no encontro das políticas públicas com o mercado e o olhar do espectador. **Revista Contemporânea**. v. 9, n. 1, 2011. Disponível em:<http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_17/contemporanea_n17_08_carneiro.pdf.> Acesso em: 06 abr. 2015.

SANTOS, Pablo Victor Fontes; LUZ, Cristina Rego Monteiro. **História da Televisão**: do Analógico ao Digital. 2013. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/inovcom/article/viewFile/1599/1567>.> Acesso em: 25 mai. 2015.

SOUZA, Florentina das Neves. **Alguns momentos dos 50 anos do telejornalismo no Brasil**. Dissertação (Mestrado em jornalismo) – Pós-graduação do curso de Ciências da Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: < http://www.ufrgs.br/infotec/teses00-02/resumo_368.html> Acesso em 12 ago 2015.

SQUIRRA, Sebastião Carlos de Moraes. **O século dourado**: a comunicação eletrônica nos EUA. São Paulo: Summus, 1995.

STEPHENS, Mitchell. **História das comunicações**: dos tantãs aos satélites. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1993.

WIKIPÉDIA. **Set-Top Box**. 2014. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Set-top_box>. Acesso em: 8 nov. 2015.

_____. **Middlewar**. 2015. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Middleware>>. Acesso em: 8 nov. 2015.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. Tradução Karina Jannini. 6 Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.